

Tema da Mesa-redonda: **Cultivando as humanidades: diálogos, práticas e contatos com os clássicos na escola.** Ementa: Estudos Clássicos. Formação Humana. Papel da memória. Cientificismo e tecnicismo na educação.

**Os modos de vida da escola atual:
entre o cultivo e o desprezo pelas humanidades**

Diogo Norberto Mesti da Silva
Doutor Filosofia Antiga
Mestre em Filosofia da Educação
Departamento de Estudos Especializados em Educação
CED - UFSC
diogo.mesti@ufsc.br

Uma escola que se esquece dos clássicos estará fadada a ignorar o que ela é e como ela se tornou o que ela é hoje. Um país que se esquece de revisar, ampliar e formar um programa claro de tradução dos clássicos, utilizando-os na escola de modo sistemático está fadada a colocar no interior das discussões sobre Projeto de Vida no Novo Ensino Médio, curso de brigadeiro e de cortador de grama. Uma escola que retira filosofia, história, sociologia e literatura das disciplinas estará fadada a formar uma geração de estúpidos, que desprezam a aprendizagem, que relutam em aprender, porque sentem enorme desprazer com os conteúdos cada mais técnicos que alguns defendem para essa escola do "futuro". Afinal, qual escola ensina a dialogar, a falar bem, a buscar a felicidade (seja ela uma sanidade mental, um prazer com as coisas simples ou até mesmo uma certa apatia frente ao caos social e pandêmico)?

Ao longo dos anos, digo, ao longo dos séculos, ou melhor, ao longo dos milênios, as sucessivas discussões sobre eventuais reformas do ensino médio e da educação básica estiveram no epicentro de um debate sobre o papel dos clássicos na educação. Já se passaram centenas de querelas sobre os clássicos, em diversos países. Já chegaram a discutir qual Homero deveria ser ensinado, se o Homero que escreveu a *Ilíada* como um jovem impetuoso cheio de vigor que se recusa a lutar por se sentir ofendido e que vai até a batalha para defender a honra de seu amigo morto e que morre ao buscar a glória ou o que escreveu a *Odisséia* que supostamente seria uma obra de maturidade de alguém que pondera e reflete sobre suas ações e sobre como

lida com o sofrimento de estar longe de casa por 20 anos e não ver seu filho crescer. Assim como já discutiram qual literatura deveríamos ensinar aos jovens, ou quais períodos ou autores filosóficos deveriam ser destacados e colocados em evidência para a formação humana. Mas essa disputa parece uma disputa inócua e inaudita, ninguém mais está discutindo ou lendo Homero, os filósofos e os poetas. Para quê?

Estamos imersos em um tecnicismo, formalismo e abstração na escola que nunca foi visto nos níveis atuais antes. Sem dúvida o avanço na lingüística e na matemática nos últimos cem anos nos levaram a um avanço radical e a uma especialização absurda na escola. Apesar de nunca termos visto exatamente esse nível de tecnicismo, formalismo e abstração na escola, esse projeto tecnicista não é novo, tampouco a invenção do formalismo e da abstração como ápice da racionalidade. Isso está envolvido em um pressuposto bem claro, aliás, a respeito do que é racional e do que não é racional e isso tem uma história peculiar. Foi o final da modernidade quem deu a última decisão de retirar os clássicos com a ajuda do positivismo que na transição do século XIX parece ter sepultado a discussão. Hoje não estamos mais discutindo qual Homero iremos ler em grego ou qual poeta latino, estamos discutindo se teremos história e como poderia ser o itinerário das ciências humanas. Ou seja, estamos em plena era de desprezo absoluto pelos Estudos Clássicos e isso pode ser percebido no desprezo pelas disciplinas de humanidades na organização da escola.

Podemos começar pela discussão a respeito das escolas de filosofia e seu risco. Conta-se com frequência a história do fechamento da última Academia platônica por Justiniano I em 529 d.C.

Não se enganem. Essa história não é uma história antiga para crianças dormirem contada por alguém de meia-idade, que está dando aula pela primeira vez para pessoas com metade de sua idade. É uma história que substituídos os nomes conseguem manter os agentes. Vejamos.

Em 529 d.C. Justiniano decidiu fechar a última academia dirigida na época por Damáscio. Por quê? Porque a filosofia sempre foi e continua sendo perigosa. A arte de questionar e saber perguntar é a arte mais impertinente que existe. Em geral, os poderosos não gostam muito dessa arte. E a questão para a escola hoje é: quem ensina a dialogar, a questionar ou a pensar? A gramática formalista e a matemática abstrata? Dúvido.

Hoje, quem está atrasando a formação de uma escola nacional e do projeto de uma educação pública forte e consistente, marcada pela historicidade de seus

conteúdos, continua sendo a Igreja Católica, o conservadorismo evangélico e os defensores das escolas privadas, que lutam entre si para secar o Estado, fazendo diminuir sistematicamente o investimento na educação pública e sugando o dinheiro público para subvencionar as instituições confessionais e privadas. A versão mais contemporânea dessa disputa é quando uma prefeitura paga voucher para uma creche privada e não constrói uma escola com apoio dos fundos disponíveis. Isso tudo não está dissociado do fechamento da Academia por Justiniano e nem da retirada da filosofia, da história e da sociologia da grade escolar, pois ambos os movimentos querem uma escola mais formalista, normativista e tecnicista.

A história nos remete ao contexto em que aconteceu o fechamento da última academia platônica por questões religiosas, mas não somente. Justiniano é também o responsável pela elaboração do *Código Juris Civilis*, o primeiro código normativo e legislativo que temos notícia, no momento em que o Império Romano entrou em franca decadência. Então, parte do sistema normativo em que a religião católica se torna a religião oficial do estado foi criado pela mesma pessoa que não queria escolas de filosofia pagãs espalhadas pela Grécia. E isso é profundamente relevante.

Vejamos por exemplo uma referência a uma questão específica em um texto específico sobre como interpretar os antigos mencionada por Jaeger em sua obra clássica *Paideia - A formação do homem grego*. Em determinado momento de seu texto sobre Homero, Jaeger tece dura críticas ao método de interpretar Homero defendido durante séculos pela Cristianismo

Não é fortuito também que essa hermenêutica desencarnada, digamos, assim, sem corpo, sem contexto, seja útil aos interesses da Igreja Católica e do fã clube que a orienta, pois permite uma análise formalista dos clássicos em função de seu excessivo paganismo, de modo que foi "o Cristianismo que converteu a avaliação puramente estética da poesia em atitude espiritual predominante". Isso permitira ignorar o conteúdo ético e religioso dos antigos poetas usando do artifício de uma análise formal e pura dos conteúdos com os quais se discorda (JAEGER, 2004, *cf.* p. 61-63).

Essa história tem dois desdobramentos que gostaríamos de pensar, ambas conectadas à religião, ao modo vida e permeado por práticas nem sempre conscientes. Uma a respeito da constituição do que compreendemos como juízo estético puro pela modernidade e sua crítica pela hermenêutica contemporânea, com desdobramentos diretos no modo de ler textos filosóficos defendido pelo estruturalismo franco-nacional que permeia os cursos de filosofia nacionais; outra a respeito de um

momento em que um grupo de estudiosos forjou o que podemos chamar de gramática moderna pela primeira vez em língua francesa em um mosteiro em que os monges eram chamados de *Les Solitaires*, os quais defendem que a arte de pensar é lógica e não diálogo. Esses desdobramentos nós detalharemos mais em nossa apresentação, quando defendermos que esse é um dos modos de vida presentes na escola hoje, uma escola do silêncio e do formalismo que forja aquilo que tentaremos definir mais adiante como tecnicismo. É preciso destacar que no meio dos grandes debates sobre as reformas na escolas sempre esteve a questão de como e por que estudar os clássicos, permeado por uma grande disputa política, ideológica e social.

É fundamental entender que o modo de vida propagado pela escola atual despreza as humanidades, despreza tudo que tem cheiro de filosófico, despreza tudo que indica a historicidade da escola, de seus conteúdos e de suas práticas, despreza qualquer tipo de saber questionador que não seja marcado nem por uma neutralidade isenta formalista, nem pelo proselitismo político que atravessa a defesa dessa neutralidade ao se olhar o passado. Aqui, mais uma vez, os comerciantes da escola que querem lucrar com ela e os religiosos das escolas confessionais estão do mesmo lado, exatamente como estiveram lado à lado nas disputas educacionais no século XX no Brasil quando eles lutavam contra uma escola pública forte e laica, filosófica, não proselitista, científica, não tecnicista, artística, não positivista.

Nesse horizonte, é inevitável compreender que os universos dos especialistas possa ser o universo da estupidez que não enxerga evidências sobre aquecimento global, sobre revolução tecnológica, sobre o mundo do futuro, e se esconde diante de uma tempestade atrás de um muro cuidando apenas de seus próprios conteúdos.

Como chave de leitura propomos defender a existência de duas tradições ao longo da história da filosofia da educação a respeito do papel da imaginação na formação humana, como se a imaginação fosse elemento indissociável de uma formação humana no sentido amplo: histórico, cultural e filosófica que se opusesse ao modo de vida acima mencionado. Além disso, é possível perceber uma disputa entre o papel da imaginação, da cultura, da literatura e da história na educação ao longo dos séculos contra uma escola fundada no logicismo da utilidade imediatista e no formalismo cego. No centro dos debates sobre o modo de vida na escola hoje está uma discussão mais ampla sobre os Estudos Clássicos, como mostraremos.

Tanto a relevância, quanto o significado dos Estudos Clássicos são subsidiados pelo desenvolvimento de uma cultura imaterial que seja coerente com o

passado e que não incorra na tragédia de ignorá-lo ou abandoná-lo para repetir inconscientemente seus erros, exageros ou equívocos em nossas práticas presentes. E isso é fundamental até mesmo para os pensadores dos Estudos Clássicos, que precisam também se colocar um pouco diante do espelho. A escola está cada vez mais formalizando seus processos de aprendizagem e relegando um papel obscuro à imaginação, ao imaginário e à oralidade na construção de seus motivos e fundamentos, o que nos coloca diante da questão se essa aprendizagem está sendo formativa ou acumulativa. Nesse sentido, nossa intenção é revelar como que algumas de nossas práticas como estudiosos dos Estudos Clássicos também reproduzem inadvertidamente algumas práticas que recusamos na escola.